

# A LÍNGUA MATERNA DIANTE DA ESTRUTURAÇÃO HUMANA SOCIAL E PSÍQUICA DA CRIANÇA SURDA

Luiz Albérico Falcão<sup>1</sup>

## 4.3.1 A língua materna diante da estruturação humana social e psíquica da criança surda

Qual o significado da palavra “materna”?

Qual o significado da maternidade na estruturação humana da criança? Os aspectos da linguagem, da afetividade e da subjetividade humana?

Quais os princípios que envolvem a linguagem e a afetividade diante da maternidade?

O que é e o que representa a maternidade na vida de uma criança surda?

E diante das questões da maternidade, o que de fato vem a ser “língua materna”?

Quais as perspectivas da “língua materna” na estruturação do sujeito surdo?

Quais os princípios que envolvem a Libras para se definir que esta é a língua materna dos surdos?

Quem é o sujeito surdo?

Para se responder estas questões temos a consciência que apenas a leitura deste livro não é suficiente. Embora tenhamos compilado vários autores e discussões com linguístas, restam ainda muitos aspectos a serem abordados e aprofundados, dentre eles, as questões teóricas e subjetivas para a aquisição da língua.

Então, sem necessariamente respeitar a ordem das questões e ao mesmo tempo procurando ser didaticamente e politicamente correto, também vamos colocar em discussão aspectos políticos e ideológicos que envolvem o discurso de professores, linguístas, pedagogos, intérpretes surdos e ouvintes e curiosos.

A língua materna é a da mãe. O termo também é conhecido como “idioma materno” e considerado como primeiro idioma. Outros falam da “língua adquirida de forma natural”. Podemos refletir ainda que a criança surda de pais ouvintes ou mesmo pais surdos que não conhecem a Libras esta não é sua língua natural.

A aquisição da Primeira Língua, ou da Língua Materna, é uma parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais. A Língua Materna caracteriza, geralmente, a origem e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia. A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco se trata de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1. De forma geral, contudo, a caracterização de uma Língua Materna como tal só se dá se combinarmos vários fatores e todos eles forem levados em consideração: a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros

---

<sup>1</sup> Professor e Coordenador do Curso de Aperfeiçoamento em Libras com ênfase na Instrutoria. Autor de livros: Surdez, Cognição Visual e Libras, 2014, 4ª ed.; Educação de Surdos: Comportamento, Escolarização e Mercado de Trabalho, 2015, 2ª ed. É especialista e professor de Libras da Universidade de Pernambuco-UPE. Contato libras.pernambuco@gmail.com

familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia-a-dia, a língua predominante na sociedade, a de melhor status para o indivíduo, a que ele melhor domina, língua com a qual ele se sente mais a vontade... Todos esses são aspectos decisivos para definir uma L1 como tal. (p.04-05)<sup>2</sup>

Não sendo a Libras conhecida e falada nos ambientes familiares entre pessoas ouvintes e entre surdos que não conhecem a Libras, apenas sinais caseiros e primitivos, como há de se estruturar a Libras como L1? Se, conforme a autora, *“a aquisição da Primeira Língua, ou da Língua Materna, é uma parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais.”*. Como a criança surda terá na sua formação humana os valores pessoais e sociais indispensáveis para a sua estruturação afetiva, subjetiva, cognitiva?

*“A Língua Materna caracteriza, geralmente, a origem e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia”*. Milhares de crianças com deficiência auditiva leve, moderada, severa e profunda uni e bilateral passam toda a primeira infância e alguns a juventude sem um diagnóstico definitivo. A surdez é silenciosa e muitas vezes quando as crianças chegam à idade escolar devido à desatenção e/ou não retorno cognitivo, alguns professores mais sensíveis e cuidadosos pedem que sejam feitos exames para um diagnóstico mais efetivo. Então, não se usa a Libras no dia-a-dia da criança surda. Até mesmo com o diagnóstico definido, sendo os pais ouvintes que desconhecem a Libras, o cotidiano da criança também não terá a Libras como fundamento linguístico e origem da língua materna.

Ao considerarmos a afirmativa de que *“a Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua”* podemos questionar então o que vem a ser este conceito de “língua materna”? Mas em seguida a autora afirma que *“normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade”*. Então não restam dúvidas que o ambiente familiar conduz à estruturação da língua materna da criança. Independente se vai ser a mãe, o pai, a babá, os irmãos, tios, avós, ou se a criança mora numa creche de crianças abandonadas para adoção ou num presídio. É de fato a língua utilizada no ambiente onde ela habita desde o seu nascimento que vão compor a sua língua materna que não é, necessariamente, a língua da mãe.

*“Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não-linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1”*. Esta “comunidade” citada pela autora é o bairro onde mora, os clubes, creches associações e as igrejas que os pais

---

<sup>2</sup> Karen Pupp Spinassé . Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil Disponível em <file:///C:/Users/Luiz%20Alb%C3%A9rico/Downloads/3837-12855-1-PB.pdf> Acesso em 24.05.15. Revista Contingência, 2006, Vol. 1, novembro 2006. 01–10. Não utilizamos textos de linguistas e professores envolvidos com a educação de surdos e a comunidade surda porque consideramos muitos destes documentos tendenciosos e repletos de interesses corporativistas cujos oportunismo está à altura da desestruturação da inclusão da sociedade. O discurso de que “criança surda torna-se humana na relação com a comunidade surda” e que a “inclusão para surdos não dá certo” são resquícios vingativos revoltados pela eugenia e hegemonia com viés da segregação e desumanização no “mundo surdo”.

frequentam. Não é, necessariamente, a “comunidade surda” porque esta não está em todos os espaços, cidades e bairros brasileiros.

Continuando os comentários do que vem a ser “língua materna”, a autora afirma que, *“de forma geral, contudo, a caracterização de uma Língua Materna como tal só se dá se combinarmos vários fatores e todos eles forem levados em consideração: a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia-a-dia, a língua predominante na sociedade, a de melhor status para o indivíduo, a que ele melhor domina, língua com a qual ele se sente mais a vontade... Todos esses são aspectos decisivos para definir uma L1 como tal”* (p.04-05)<sup>3</sup>. A Libras não é a “língua materna” dos surdos quando se tem milhares de crianças surdas sem aprenderem Libras em seus ambientes familiares nem mesmo nas comunidades onde convive. Mesmo que a relação e o vínculo entre os pais, geralmente a mãe apresente-se fragilizada por conta dos limites da língua utilizada entre eles, que se mantenha entre eles uma relação de dependência e de superproteção, mesmo assim, a Libras não é a “língua materna”.

Embora exista uma luta ideológica declarada pelos surdos de que a escola inclusiva não serve para os surdos e que a comunidade surda é o lugar “onde a criança surda vai tornar-se humana”, esta não está instalada em todo o território nacional. Identificamos crianças surdas em vários estados e municípios do país totalmente isoladas e sem comunicação em libras. Convivem com seus pais em suas comunidades, quer nos bairros, igrejas, na rua e no povoado onde vivem sem qualquer contato com outros surdos. Mesmo quando vão à escola, nem assim podemos conferir um modelo grupal de surdos porque a língua entre eles não é a mesma. E cada um tem os seus costumes, interesses, valores, saberes e língua e estão envolvidos afetivamente com seus familiares.

Outros sentidos que queiram dar à Libras como “língua materna” dos surdos brasileiros, refere-se à manipulação de linguistas e criacionistas envolvidos com a “comunidade surda” brasileira e internacional na tentativa de criação de um “mundo surdo” e de uma “cultura surda” engessada e oportunista.

Uma mãe surda que nunca aprendeu nem teve acesso à Libras, que se comunicam através de gestos, mímicas e gritos qual será a língua materna de seu filho, independente se surdo ou ouvinte? E se a mãe for ouvinte e apenas oralizar, qual será a língua materna da criança? Estas e outras perguntas podem ser incrementadas ao texto para estabelecer critérios e conferir limites aos desmandos de professores, intérpretes e linguistas ouvintes e surdos que insistem e defender que a Libras é a “língua materna” dos surdos.

E quando as crianças surdas são implantadas ou utilizam aparelhos de amplificação sonora individual são oralizadas e com residual auditivo convivem naturalmente nos dois ambientes oral e sinalizado, qual a língua materna?

---

<sup>3</sup> Karen Pupp Spinassé . Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil Disponível em <file:///C:/Users/Luiz%20Alb%C3%A9rico/Downloads/3837-12855-1-PB.pdf> Acesso em 24.05.15. Revista Contingentia, 2006, Vol. 1, novembro 2006. 01–10

É preciso romper mitos incrustados no discurso de alguns desavisados, oportunistas e pouco críticos que defendem o discurso segregacionista de que os surdos aprendem a serem humanos quando na relação com outros surdos. E alguns ainda defendem a separação dos pais desde a infância para viverem a “plenitude da comunidade surda”.

Por outro lado, é fundamental para a vida plena e saudável da criança, respeitar os saberes maternos que são instintivos e nunca poderão ser negados nem desconsiderados. A sintonia mãe/filho é a única condição de sobrevivência do recém-nascido. Não estamos falando apenas da condição física do sujeito, mas sim e acima de tudo, da sua condição afetiva, psíquica, espiritual, energética como ser humano, sensível, criativo, reflexivo com empoderamento e predicados que serão levados a cabo à medida das suas relações e vínculos com as pessoas e a sociedade.

Afastar uma criança surda dos pais ouvintes porque não sabem se comunicar em libras é um crime de infanticídio. É totalmente prejudicial e perverso. Nada justifica esta atitude. Os pais e, principalmente a mãe, é o primeiro vínculo que a criança estabelece. Nesta intermediação da criança com o mundo é a primeira instituição que orienta, determina e influencia diretamente na forma de ser, pensar, agir, sentir.

A estruturação da subjetividade e da afetividade do indivíduo é determinada pelas relações parentais nos primeiros anos de vida. São os pais que repassam os valores e crenças, regras de convivência e limites que constituem a cultura familiar. “É na família que se inicia a sociedade, nela os indivíduos organizam conceitos e buscam a maturidade por meio de trocas entre seus membros” (NEGRELLI E MARCON, 2006)<sup>4</sup>.

Dessa forma uma criança, que cresce em um ambiente onde não existe vínculo afetivo nem uma boa interação com diálogo sobre o que? Como? Porque é certo e/ou errado para a sua humanização, a criança acaba crescendo sem limites, sem entender a relação de respeito que se deve construir para com as pessoas. Depois chegam à idade escolar sem construir esses saberes primários, motivo de conflitos pouco civilizados.

Uma criança surda educada em ambiente inóspito, ao chegar à escola onde tiver a Libras como acesso ao conhecimento, poderá ser educada, mas este papel é da família e não posteriormente e tardiamente da escola. E ao encontrar na escola ambiente mais interativo, a relação fragilizada familiar acaba rompendo-se e a criança migra seus valores e interesses para outros grupos em busca de identidade, mesmo que tênue e instável o vínculo com o novo grupo. Essas crianças desprezam o apoio e a relação familiar e isto acaba gerando conflitos psicossociais de identidade com a dependência de intermediadores que façam suas vontades. São relações construídas à base de interesses e sem sustentação afetiva. Assim, afunda-se ainda mais na crise de afetividade, com baixa autoestima e conflitos da sexualidade. Instalam-se transtornos comportamentais que fatalmente explodirão na escola ao longo da adolescência com falhas ou mesmo falta de aprendizagens e severas crises comportamentais.

#### **4.3.1.1 Há de se considerar os gestos como início de tudo**

Se uma criança em torno de 8 meses aponta para uma bola no alto de uma prateleira e faz com as duas mãos o formato da bola, este gesto faz parte do aprendizado da linguagem. Os

---

<sup>4</sup> Negrelli, Maria Elizabeth Dumont e Marcon, Sonia Silva: Família e criança surda, disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/%205146/3332>

pais e cuidadores em todos os ambientes jogam uma carga de informações orais e a fala surge com a maturação do sistema fonoarticulatório e maturação mental em substituição dos gestos e a criança ouvinte vai desenvolvendo a comunicação oral gritando “bo.. bo.. qué”. Já a criança surda com níveis severo e profundo também terão maturação dos órgãos da linguagem, caso a formação congênita tenha sido completa, mas continuará apontado para o objeto e como se estivesse segurando a bola, este movimento e sinal passa a ser língua de sinais e, neste caso, iconicamente é da Libras. É no sentido de língua sinalizada que a criança surda aponta e segura, mesmo no imaginário, seu desejo entre as mãos e apresenta o sinal “quero aquilo aqui na minha mão”. E se ainda mais aproximar as mãos para o seu corpo está afirmando que quer para si. Este é o início de tudo cujos pais devem estar preparados para inserir a língua de sinais como linguagem e afetividade visuogestual a todo o momento e em todas as relações com a criança. Inserir a Língua de sinais para que esta possa ser a língua materna da criança surda.

Geralmente, como não se sabe o que a criança quer, damos uma coisa e outra, e como não se sabe o que a criança deseja acabamos deixando para lá e ela chora, briga, grita, corre, puxa, vai em cima com toda força. A criança não desiste e mais uma vez aponta até que tenha em suas mãos o objeto do seu desejo que para evitar o desespero os pais cedem e entregam tudo. Perde-se a oportunidade de trabalhar os desejos, necessidades e limites quando não se tem domínio da língua de sinais. É preciso organizar o mental da criança surda da mesma forma que se trabalha o mental da criança ouvinte. Afinal, todos somos humanos e à humanização requer domínio da língua de sinais para apresentação destes princípios educacionais sociais que devem ser apresentados pelos pais e cuidadores. Esta responsabilidade não é de nenhuma comunidade surda, jamais.

Por não existir um serviço de orientação e apoio familiar quanto à inscrição na linguagem e na afetividade visuogestual, existe uma dificuldade por parte dos pais de compreenderem os limites e possibilidade para educar uma criança surda na sua totalidade.

Esta criança por não ser compreendida, expressa mais agressividade e irritação quando deseja um objeto e não é atendida. “É preciso que a Libras seja regularmente trabalhada, ensinada e dialogada no ambiente familiar, independente se os pais são surdos ou ouvintes, diante de uma criança surda é condição fundamental para que novos saberes possam agregar o cotidiano da criança sinalizante sem se limitar aos valores concretos, primários e primitivos que normalmente são mediados<sup>5</sup>.”

A Libras não é a língua materna do surdo se os pais são ouvintes e não conhecem a Libras e em todos os ambientes que a família conviver não existir a Libras como diálogo. Alguns linguistas alegam ser língua materna por se tratar da maneira natural como a pessoa acessa o conhecimento e as informações<sup>6</sup>. Mas o que é natural como motivação da aprendizagem de uma criança surda onde em nenhum dos espaços e ambientes que ela convive ao longo da infância a Libras é utilizada?

---

<sup>5</sup> Falcão, Luiz Albérico. A educação familiar e escolar diante da pessoa com surdez: Estudos introdutórios diante da ensinagem e aprendizagem significativa - <http://visaoinclusiva.com.br/?p=846>

<sup>6</sup> Ver uma folha, árvore, copo, caderno caírem e fazer o sinal com a mão para baixo suave ou de forma brusca não significa apropriação da língua de sinais, trata-se de um movimento instintivo. Onde está a Libras? Quem ensina? Quem aprende?

Os pais, independente se surdos ou ouvintes precisam aprender não apenas a libras que não é vacina, mas aprender como trabalhar a educomunicação, como lidar com uma criança que aprende prioritariamente pelo canal visuogestual. Principalmente quando se voltam às questões básicas de sobrevivência como a higiene, alimentação, segurança, bem estar, no desenvolvimento da afetividade e da subjetividade. “A sociedade vale o que valem as famílias” e as famílias valem cada vez menos quando não assumem seu papel de relevância formativa para a humanização da sua criação.

O vínculo materno é construído na relação com o filho. A mãe que cuida, afaga, alimenta e educa é a mesma que insere a língua, os costumes, valores, regras e a cultura porque está envolvida com o ambiente familiar e a comunidade onde costuma interagir e levar seus rebentos.